



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA-
PRONERA
PEDAGOGIA DO CAMPO 2006**

GABRIEL VIEIRA DA SILVA

**A EDUCAÇÃO DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE
PARAUPEBAS**

**MARABÁ-PA
DEZEMBRO DE 2013**

GABRIEL VIEIRA DA SILVA

**A EDUCAÇÃO DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE
PARAUPEBAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a UFPA (Universidade
Federal do Pará) campus de Marabá,
para obtenção de grau em Licenciatura
Plena em Pedagogia, sob orientação da
Profª. Maura Pereira dos Anjos.

**MARABÁ-PA
DEZEMBRO DE 2013**

GABRIEL VIEIRA DA SILVA

**A EDUCAÇÃO DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE
PARAUPEBAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a UFPA (Universidade
Federal do Pará), para obtenção de grau
em Licenciatura Plena em Pedagogia, sob
orientação de Maura Pereira dos Anjos.

**MARABÁ-PA
DEZEMBRO DE 2013**

GABRIEL VIEIRA DA SILVA

A EDUCAÇÃO DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE PARAUPEBAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a UFPA (Universidade Federal do Pará), para obtenção de grau em Licenciatura Plena em Pedagogia, sob orientação de Maura Pereira dos Anjos.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Esp. Marcelo Almeida Araujo

(presidente)

Prof.^a Esp. Sulamita Cunha Morgado

(1º Examinador)

Prof.^a Esp. Gildeci Santos Pereira

(2º Examinador)

Defendido em, 16/ 12/ 2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço a deus, por ter me concedido tamanha graça.

A minha família pelo apoio em cada momento difícil.

Aos meus amigos que acreditaram em mim e nunca me deixaram desistir.

Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre. (PAULO FREIRE)

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre as práticas de educação desenvolvidas pelo Setor de Educação do Campo da Secretaria Municipal de Educação de Parauapebas, observando a relação entre o trabalho pedagógico realizado por este Setor e os princípios da educação do campo, baseado nas teorias de autores que discutem esta temática, como ARROYO, CALDART E GADOTTI, entre outros. As teorias estudadas foram assim discutidas a luz dos dados de pesquisa realizada com os professores e coordenadores pedagógicos envolvidos neste contexto, possibilitando assim uma reflexão teórica e prática da educação do campo desenvolvida naquele município. Assim, ao final, é apresentado o resultado definido pelos objetivos traçados diante da problemática envolvendo a educação formal realizada por estes profissionais nas escolas do campo, no que se aproxima ou se distancia dos princípios básicos da educação do campo.

PALAVRAS-CHAVE: sujeito - campo- educação

ABSTRACT

This work presents a study on the practices of education developed by the Sector of Education of the rural of the Office of Education of Parauapebas, observing the relation between the pedagogical work realised by east Sector and the principles of the education of the rural, based in the theories of authors that argue this thematic, like ARROYO, CALDART And GADOTTI, among others. The theories studied were like this argued the light of the data of investigation realised with the professors and pedagogical coordinators wrapped in east Context, making possible like this a theoretical reflection and practises of the education of the rural developed in that municipality. Like this, at the end, it is presented the clear-cut result by the aims traced in front of the problematic wrapping the formal education realised by these professionals In the schools of the rural, in which it approximates or if distance of the basic principles of the education of the rural.

KEYWORDS: subject - rural - education

SUMÁRIO

1.	Introdução	10
2.	O Direito a uma educação escolar do e no campo	12
3.	A pesquisa qualitativa no processo de construção do conhecimento	22
3.1	A educação do campo no município de Parauapebas	25
3.2	As ações do Setor de Educação do Campo – o que se aproxima o que se distancia de uma proposta em educação do campo – um diálogo com os autores	26
4.	Possíveis Indicadores para Construção de Educação do Campo de Qualidade	36
5.	Referências bibliográficas	40
6	Anexos	41

1. INTRODUÇÃO

As populações do campo sempre foram vistas como meros produtores/colaboradores da economia urbana, estando subjugados aos valores e a cultura urbana, como se não fossem sujeito pensantes, individuais e/ou coletivos. Essa relação de dominação do urbano sobre o rural exclui o trabalhador do campo do todo que o urbano representa. É como se a cidade existisse e o campo estivesse fora dela, essa percepção tem provocado o esvaziamento do rural como espaço de fundamento na construção de identidades, eliminando a possibilidade de um projeto de desenvolvimento referenciado na perspectiva de uma educação escolar para o campo.

Esse esvaziamento, trás drásticas consequências, como o crescimento das periferias e o baixo nível de escolarização dessas populações, tidas como analfabetos funcionais, quero dizer leem, mas não entendem o que leem.

Neste sentido nas últimas décadas muitos foram os debates e os projetos desenvolvidos no trato dessas populações, principalmente na perspectiva de resgate cultural e manutenção dos mesmos no campo, e um desses grandes investimentos tem sido na educação, podemos citar a instituição das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo em 2003, sendo publicada em 2004. Assim muitos municípios passaram a ter um olhar especial para essas populações e abraçar os investimentos do Governo Federal para este público.

A educação do campo em Parauapebas é representada pelo Setor de educação do campo, sendo este responsável pela gestão administrativa e pedagógica das escolas do campo, garantido toda a estrutura necessária para o funcionamento efetivo.

Desta forma desenvolvi esta pesquisa com o objetivo principal de investigar e conhecer como está organizado o sistema de ensino que atende a educação do campo em Parauapebas, e como a Secretaria de Educação demonstra a institucionalização da mesma no município. E consequentemente responder se a educação oferecida no município de Parauapebas à população do campo é fundamentada nos princípios básicos da educação do campo? Se os profissionais que atuam no campo percebem alguma relação da educação formal com princípios da educação do campo? Se há proposição de formação continuada que aponte para a reconstrução do currículo das escolas do campo? E por fim propiciar uma reflexão sobre a necessidade de formar educadores do campo no campo e para o campo, sujeitos que tenha raízes históricas nessa realidade e que concretizem essa educação tão almejada.

Assim este trabalho foi desenvolvido em etapas, a principio realizei a revisão bibliográfica a fim de aprofundar meus conhecimentos sobre o tema, esse estudo resultou

no primeiro capítulo que trás uma discussão sobre o direitos da população camponesa a uma educação publica do campo e no campo, e a importância disto na vida dos sujeitos nela envolvidos, tendo como referencial teórico, Miguel Arroyo, Moacir Gadotti e Roseli Caldart.

No segundo capítulo apresento o pressupostos metodológicos que nortearam este trabalho, discutindo a pesquisa qualitativa no processo de construção do conhecimento, os caminhos percorridos, as técnicas e métodos de coletas, categorização e análise dos dados.

Em seguida apresento uma caracterização do Setor de Educação do Campo, organização pessoal e administrativa.

No capítulo quatro, coloco em discussão as ações do Setor de Educação do Campo, apresentadas nas entrevistas, os dados que respondem minha problemática, dialogando com os autores da revisão bibliográfica, no enfoque do que se aproxima e do que se distancia de uma proposta em educação do campo.

E por fim, apresento minhas considerações finais acerca das principais questões levantadas nas análises dos dados, apresentando possíveis Indicadores para Construção de uma Educação do Campo com Qualidade.

2. O DIREITO A UMA EDUCAÇÃO ESCOLAR DO E NO CAMPO.

Durante muitas décadas as populações do campo foram marginalizadas, no que se refere ao direito a educação formal.

Nos documentos oficiais sobre educação no Brasil, a população rural aparece apenas como dado. São números citados de uma população esquecida. São apenas quantidades ou, no máximo, referências marginais e pejorativas. É como se a diferenciação entre o rural e o urbano não fizesse mais sentido, uma vez que a morte do primeiro já estaria anunciada. É preciso entender em que contexto essa compreensão vem sendo formulada e quais as possibilidades que existem de se reverter essa lógica. ET AL, POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO (V1 P. 19)

Para ARROYO (2001), a cidadania é construída no processo de educação, no momento em que o homem adquire a capacidade de servir-se de seu entendimento sem a direção do outro. E desta forma constrói sua autonomia se tornando sujeito da história. Neste sentido as populações do campo, tinham seus direitos limitados uma vez que, como já foi dito anteriormente, não tinham acesso a escola do e no campo.

Assim muitos foram os programas e projetos que buscaram incluir esta população específica no mundo letrado. Entretanto não basta oferecer escola para a população do campo, é preciso atender às necessidades destes povos, respeitando suas relações sociais culturais, religiosas, e interação com o espaço onde vivem.

Desta forma a educação oferecida nas escolas ou construída no setor, juntamente com o campo atendido deve estar fazendo este papel, no sentido de emancipação política, dos camponeses.

A formação se manifesta quando os sujeitos se tornam capazes de intervir de forma consciente em sua realidade, como afirma ARROYO (2001), o indivíduo é considerado como sujeito histórico quando capaz de modificar a realidade.

É fato que as populações do campo têm o direito a uma educação pública e de qualidade, de acordo com suas realidades e especificidades, com conteúdos e metodologias que atenda as suas necessidades dentro do seu contexto sem desvincular a educação do seu trabalho e do convívio social e familiar estabelecido de acordo com a cultura e organizações locais, onde a escola tenha a identidade local.

Vale ressaltar, que a concepção de educação que vem sendo empregada pela cultura dominante e elitista, não tem favorecido satisfatoriamente para a superação do analfabetismo, no sentido de elevar a escolaridade dos sujeitos, há ainda a frustração, provocada pelo acesso tardio à escola que na maioria das vezes, nas regiões “mais pobres

do Brasil,” são oferecidas sem condições de atender as criança, por esta razão são criados os cursos de compensação escolar como EJA, (Educação de Jovens e Adultos) e outros, para atender os adolescente, os jovens e adultos devido à precariedade de investimentos dessa política pública. Isso representa, sem dúvida, uma das maiores dívidas históricas para com as populações do campo.

A educação como forma de compensar o que não foi oferecido no tempo “certo” não é suficiente para elevar a auto-estima destes sujeitos, por isso grande parte não acreditam mais que vão conseguir melhores condições de vida através da educação, isso provoca um alto índice de desistência nos cursos de EJA, desta forma fica claro, que a educação do campo não pode ser compensatória, não é para combater o analfabetismo, é preciso pensar a formação dos sujeitos considerando todo o contexto, dentro da educação escolar.

Segundo MEDEIROS (2009) este processo se dá, ou deveria acontecer desde o início da vida escolar do educando, considerando os vários conhecimentos produzidos histórico/culturalmente, estes, devem ser o ponto de partida para se chegar aos conhecimentos sistematizados (científicos) e a união de conhecimentos científicos e empíricos, da escola e do educando, formem o conjunto que defina este sujeito como “educado”, capaz de intervir de forma consciente e ativa em sua realidade.

Pensar a educação escolar exige repensar a relação tradicionalmente estabelecida entre educadores (as) educandos (as), entre escola e comunidade, e assim pensar também a relação entre indivíduo e conhecimento sistematizado. Entre os tantos desafios postos a educação escolar, se coloca a necessidade de compreender como os indivíduos aprendem a produzir conhecimentos se produzindo e aprendendo como sujeito enraizado em sua cultura e vida comunitária real para que assim possamos contribuir para o desenvolvimento de um processo formativo escolar crítico - criativo voltado realmente a formação transformadora dos sujeitos e sua condição de vida. MEDEIROS (2009)

A educação do campo deve partir do princípio de contextualização considerando os povos do campo como sujeito de sua história, não basta adaptar conceitos, é preciso construir uma proposta curricular de acordo com as condições e as necessidades dos povos do campo, não pode ser apenas pensada para eles, mas com eles.

É preciso mudar a forma excludente de interpretar as leis que regem a educação no Brasil, e ouvir mais os formadores de opinião que nasceram neste espaço e se formaram na luta para garantir condições dignas de sobrevivência no campo, não quero dizer aqui que as leis não sejam importantes, mas que estas sejam repensadas, e deixe que o campo com suas necessidades e particularidades se encontre dentro delas, representado de forma que

isto apareça na prática, que seja observado até que ponto elas garantam condições para a educação dos povos do campo. Não da para construir um currículo sem ouvir e sentir as reais necessidades do publico a ser atendido.

O conceito de educação do campo nasce durante a primeira Conferência Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, ocorrida entre os dias 27 e 31 de julho de 1997 em Luziânia/GO. CALDART (1997)

Até então era chamada de educação rural, e/ou educação popular, a mudança na nomenclatura trouxe para debate uma séria de condições necessárias para que se chegasse de fato à educação do campo. Um dos pontos fundamentais é a participação dos representantes dos povos do campo através de suas organizações que incorporam outras reivindicações através dos seus movimentos de luta.

Foi realizada em 2004 a II Conferência Nacional de Educação do Campo. Nesse período ampliaram os grupos organizados, as universidades, e as representações governamentais, bem como a concepção de educação. E como propostas definiram afirmação da articulação nacional para mudar o movimento de educação do campo, não mais pensando apenas na educação "básica", mas, na luta para inserir os filhos dos trabalhadores do campo, em toda educação básica educação infantil, fundamental e ensino médio, e nas universidades públicas brasileiras, de graduações e pós-graduações; entendendo que, o campo também necessita de diversos profissionais qualificados para atuarem nessa realidade.

Este movimento tem provocado estudos e debates em torno da construção de outra proposta de educação para a escola do campo, esta escola tem que estar de acordo com a produção de saberes, conhecimentos e valores culturais que devem ser respeitados e considerados nas propostas pedagógicas e nos currículos escolares para que assim a escola tenha sentido na vida destes sujeitos. Não qualquer escola, não interessa a escola fundamentada no currículo urbano, buscam uma escola voltada para as lutas das populações do campo. Eles afirmam e reconhecem que os educadores de diversas partes do país estão desenvolvendo experiências diferenciadas de educação do campo e na Amazônia Paraense evidentemente tem encontrado algumas em casas familiares rurais, ¹PRONERA, (programa nacional de educação na reforma agrária) MST (movimento dos trabalhadores sem terra) e outras.

Com base nesse pensamento, começou-se a discutir outro perfil de escola do campo, não uma educação para os sujeitos do campo e sim uma educação com os sujeitos

do campo. Como afirma MOLINA (2004), que a educação do campo como novo paradigma, está sendo construída por diversos grupos sociais e universidades, rompem com o paradigma rural cuja referência é a do produtivismo, ou seja, o campo como lugar da produção de mercadorias e não como espaço de vida, o lugar da dialetização da cultura, do saber e da formação de identidades.

O primeiro trabalho nos assentamentos é de conscientização, essa conscientização acontece quando este povo se mobiliza para educar politicamente seu povo, para daí assumirem uma nova proposta de educação escolar. Segundo GADOTTI, (1987). O povo é responsável pelas mudanças sociais.

A construção de uma “nova” sociedade não poderá ser conduzida pelas elites dominantes, “incapazes de oferecer as bases de política de reformas”, mas apenas pelas “massas populares”, que são a única forma capaz de operar a mudança. GADOTTI, (1987 p. 26).

A disseminação destas propostas, conceitos, na sua maioria aconteceu pelos movimentos sociais, que começaram a intervir diretamente nas escolas existentes nas áreas de assentamentos, assumindo um papel importante na proposta curricular destas instituições.

Ninguém melhor que os movimentos sociais para mobilizar toda a população que de alguma forma estava fora das discussões, de onde os seus gritos “não podiam ser ouvidos”, e os representantes precisam desta massa articulada para dar continuidade na proposta de mudança que nasceu na II conferência de educação do campo, é o povo do campo que tem que tomar frente assumindo o papel de educador nas escolas do campo, e toma consciência de que para isto é preciso formar os educadores, não qualquer educador, mas educadores que falem a língua do povo e defenda a proposta do movimento social que o representa.

Não basta o prédio e a oportunidade de ter uma vaga numa escola pública no assentamento, a educação oferecida também precisa ser pensada dentro de um currículo construído pelos educadores comprometidos e vinculados ao campo, e não por alguém de fora, que pensa e educação, mas que não sente os problemas.

Segundo Luckesi (1994, p. 49) a escola tem que ser uma instancia social, entre outras, na luta pela transformação da sociedade, na perspectiva de sua democratização efetiva e concreta, atingindo os aspectos não só políticos, mas também sociais e econômicos.

A educação precisa estar de acordo com o projeto de sociedade a ser estabelecido, de acordo com LUCKESI, (1994), importa interpretar a educação como uma instancia dialética que serve a um projeto, a um modelo, a um ideal de sociedade. A educação será uma mediadora no processo de realização do projeto social.

O MST se atenta para isto quando percebe que sua política está sendo enfraquecida, pelos ideais injetados pela escola, que neste momento é a arma fundamental para mudar a sociedade, e de alguma forma tem que intervir na política educacional desta instituição.

Do trabalho do MST na luta pela implantação de escolas publicas de qualidade em todas as suas áreas de assentamento e de acampamento, e do desafio de assumir a lógica do movimento social no próprio pensar e fazer a educação nestas escolas, bem como no processo de formação das educadoras e educadores que nela trabalham. CALDART, (1997. p. 27)

A contextualização dessa proposta vem recheada de desafios, pois são muitas as realidades, e as condições ou falta dela.

Quando falamos, “os povos do campo”, não estamos falando só dos agricultores, precisamos compreender que existem outros povos que são incluídos, e tem relações peculiares, que precisam ser respeitadas e preservadas, para não ocorrer durante o processo, uma desaculturação.

As populações de campo, apesar de conviverem em espaços idênticos, a sua relação com a natureza com a cultura etc. podem ser completamente diferentes, isso é definido na maioria ou sempre pela sua origem, a relação do indígena com a natureza é completamente diferente do pequeno agricultor, e assim por diante, e a educação do campo precisa encontrar condições para garantir uma política educacional que atenda todos eles, isso só é possível diante da compreensão destas diferenças.

É evidente que, somente a educação, não resolverá os problemas sociais das famílias do campo. Serão necessárias outras políticas nas áreas do campo brasileiro, para que as populações que residem e trabalham no campo vivam com mais dignidade. Mas para isso acontecer, é relevante a criação de políticas públicas consistentes e condizentes com as diversas realidades rurais do Brasil, para construção de uma escola do campo de qualidade, com estrutura física, e pedagogia adequada, professores comprometidos com as causas do povo do campo.

A educação do campo vem no intuito de atender a todas as populações que residem no campo, garantindo não apenas uma adaptação curricular, mas construção de um currículo que atenda, todas elas de acordo com suas especificidades.

Esta escola tem que aparecer na prática cotidiana dos movimentos sociais através de seus representantes e na vida de cada cidadão que abraça a causa numa perspectiva de alcançar não apenas as discussões de base, mas de construir teorias fundamentadas que dê sustentação ao discurso e às políticas educacionais do Brasil.

Quando insistimos na luta por escola de 1º e 2º graus nos próprios assentamentos, não estamos pensando apenas em facilitar o acesso a ela. [...] estamos defendendo a possibilidade de uma escola que se vincule organicamente com a realidade do meio rural, ajudando nas transformações que ela exige CALDART, (1997, p. 40).

A luta por educação do campo não é um processo isolado e unilateral, são muitas as reivindicações, desde o início ela envolve lideranças de várias organizações e movimentos sociais, principalmente em se tratando da permanência no campo, garantia de direitos, e o respeito às riquezas culturais e ambientais, que garante a sobrevivência destes povos sem ferir a sua condição natural de existência.

A escola deve ser custeada pelo poder público, mas precisa ser pensada pelos sujeitos a ser atendido por ela.

Por conta de uma série de mudanças ocorridas no campo educacional nos últimos anos, gritos ecoam no campo. Surge no meio das populações rurais organizadas diversas bandeiras de lutas, entre elas, a luta pela reforma agrária e por uma educação popular nos valores culturais e humanos dessa realidade. Isso se materializa na sociedade brasileira, quando acontece a I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo. GEPERUAZ, (2005, p. 15)

Estes gritos nada mais são, do que as reivindicações dos povos através de suas organizações, depois de várias tentativas frustradas de um modelo de educação que foi implantado no campo e que acaba reforçando uma idéia de que estes povos não conseguem se desenvolver, ou não tiveram compromisso com a educação, são incapaz de aprender, e que durante muito tempo gerou a acomodação, e agora estão provando que eles estiveram certos o tempo todo, os programas implantados é que não atendiam às suas necessidades.

O modelo de educação oferecido é excludente, “marginalizador que há décadas vem expulsado o homem do campo para a cidade ao invés de lhe oferecer oportunidades na terra, onde residem”. GEPERUAZ (2005 p. 16)

O problema na maioria dos casos não caracteriza ausência da educação, mas um modelo de educação que não condiz com a realidade da população atendida, como diz MARCELO MAZZOLI, GEPERUAZ (2005 P. 16.). O problema não está em ofertar a educação somente, está na condição de funcionamento. Mas pouco foi feito no que se refere às condições da oferta para que as populações rurais tenham acesso a uma educação de qualidade. [...] não se pode passar a oportunidade de cobrar uma dívida histórica para com a população do campo. Não se pode pensar uma educação para a liberdade quando o povo é privado de seus direitos.

Nesta perspectiva a educação não pode acontecer sem a participação dos sujeitos envolvidos diretamente nas organizações dos povos do campo, está representada e defendida pelas lideranças dos movimentos sociais, de acordo com as demandas de cada povo.

Reconhecemos a caminhada dos Movimentos Sociais do Campo, como expressão do povo organizado que faz e que pensa sobre a vida no e do campo. Das suas práticas de organização, de luta social e de educação podemos extrair muitas lições para a educação do campo. A primeira delas é que o povo que vive no campo tem que ser o sujeito de sua própria formação. Não se trata, pois, de uma educação ou uma luta para os, mas sim dos trabalhadores do campo e é assim que ela deve ser assumida por todos os membros deste movimento Por Uma Educação do Campo. ET AL, POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO, (V4 P. 15)

Esta é sem dúvida uma das partes mais importantes, da definição da educação do campo, quando o sujeito tem a consciência de sua condição dentro de um contexto social, cultural e econômico, e assume a postura de sujeito de sua própria liberdade.

Os movimentos sociais têm informalmente uma função educativa, ou seja, na luta o povo também se educa, não e por acaso que se organizam politicamente para alcançar seus objetivos, existe aí muitas estratégias que exige conhecimentos, muitas vezes empíricos, entre os erros e acertos perdas e glórias, num movimento de praxe vão se construindo enquanto sujeitos, desta forma o movimento é a representação e a voz do povo do campo, capaz de através de seus representantes decidir o que é melhor para a classe por ele representadas.

Por isso a educação não pode ser pensada para eles, mas por eles e com eles, só é possível criar políticas educacionais que atenda suas necessidades com a participação deles, reconhecendo e respeitando as relações construídas nos espaços de vivências, esta educação tem que somar com o que existe e não para mudar ou desvalorizar a construção e as relações que regem a vida no campo. O problema está na vida deles, então ninguém tem mais propriedade para apontá-los do que eles próprios.

A educação deve ser vinculada aos processos sociais de formação dos sujeitos do campo porque aprendemos na prática que não há como educar verdadeiramente o povo do campo sem transformar as condições atuais de sua desumanização; e também já aprendemos que é na própria luta por estas transformações que o processo de humanização é retomado. Essa transformação é no sentido de garantir as condições de acesso à educação e condições dignas de sobrevivência.

Os valores precisam ser mantidos e reconhecidos como produção cultural deste povo. Quando se pensa um currículo para a educação do campo é preciso ter o cuidado para não criar um conflito entre educação e cultura local, a educação deve englobar a cultura para que os povos do campo tenham acesso ao conhecimento sem se distanciar de seus costumes e o vínculo com a terra, reconhecendo que a educação do campo “nunca pode ser vista como uma preparação do homens do campo para viver na cidade”.

Os educadores do campo precisam manter em sua fala, em seu diálogo a afirmação de permanência do homem do campo no campo, e isso só é possível quando este educador possui vínculo com a realidade onde desenvolve suas atividades, o profissional de educação destinado a trabalhar com os povos do campo precisam no mínimo conhecer os princípios básicos que regem a educação do campo.

Trata-se de uma educação dos e não para os sujeitos do campo. Feita sim através de políticas públicas, mas construídas com os próprios sujeitos dos direitos que as exigem. A afirmação deste traço que vem desenhando nossa identidade é especialmente importante se levamos em conta que na história do Brasil, toda vez que houve alguma sinalização de política educacional ou de projeto pedagógico específico isto foi feito para o meio rural e muito poucas vezes somos sujeitos do campo. Além de não reconhecer o povo do campo como sujeito da política e da pedagogia, sucessivos governos tentaram sujeitá-lo a um tipo de educação domesticadora e atrelada a modelos econômicos perversos. ET AL, POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO, (V4 P. 20)

O campo tem que produzir gente livre que o construa como espaço digno e mais humano, há muito mais a se produzir no campo do que agricultura, em cada luta e em cada organização se forma um sujeito, e este sujeito será o representante da classe que o forma, o povo constrói os seus líderes neste processo.

Os professores têm a função de afirmar a identidade deste povo, para isto é preciso que ele conheça seus objetivos, e seus desafios, e compreenda que condição deve ser oferecida a eles, um educador sem vínculo com o assentamento tende a defender uma proposta de libertar este povo, mas como se para libertá-los precisasse transplantá-los, pois não consegue enxergar o campo como um lugar bom pra se viver, só consegue enxergar dificuldades, com o olhar de preconceito.

Nesta condição os movimentos sociais entram em conflitos com as instituições de ensino dos assentamentos, porque descobrem que esta forma de educar o povo do campo vai completamente contra a lógica do movimento, e das organizações que lutam por melhores condições de vida para no campo.

Como afirma CALDART, (1997).

Um fato que certamente contribuiu para que a preocupação coletiva aumentasse foi o de que em algumas escolas de assentamento começaram a trabalhar professores/as de fora que desconsideravam toda a história daquelas famílias, muitas vezes tentando fazer com as crianças um trabalho ideológico contra a reforma agrária. CALDART, (1997 p. 31)

A partir desta afirmação de que o campo precisa formar seus educadores sem perder o vínculo com suas origens e seus ideais, incorporam novas discussões nos debates sobre educação do campo, não se fala somente em educação básica, e isto fica mais claro em 2004 na II Conferência Nacional de Educação do Campo, quando entra no debate a proposta de formar os filhos dos agricultores para estarem à frente das instituições de ensino nos assentamentos, então não bastava o 1º e o 2º grau, era preciso pensar na faculdade, os cursos superiores entram nas pautas de reivindicações dos movimentos sociais. Com a finalidade de garantir uma educação de qualidade, não apenas para o campo, mas do campo e no campo.

A educação é fundamental para a realização de transformação social quando se pensa em qualidade de vida, isso em todas as esferas da sociedade, o cidadão consciente, segundo MEDEIROS (2009), A finalidade de toda e qualquer ação educativa em sentido amplo, deveria ser sempre de promover possibilidades de aprendizagem que estimule e subsidiem os indivíduos na ampliação de seus saberes. Porém muitas das propostas de educação e agora não só no campo, acaba de alguma forma rotulando parte da sociedade como incapaz, deixando grande parte deles a margem da educação, e no campo é ainda mais forte, poucas pessoas atingem um grau de “conhecimento”, de “formação” suficiente para intervir na realidade própria.

O campo tem reivindicado seus direitos através dos movimentos sociais com força da formação política, quando se trata da educação muito do que se tem conseguido foi através das parcerias principalmente com as universidades.

Segundo ARROYO 2001, uma das formas de colocar no seu lugar a relação cidadania e educação será destruir a imagem que se criou de que a educação é um dos mecanismos de arbitragem. Antes da educação é preciso suprir as necessidades imediatas do povo, não dá para resolver o problema da fome de uma criança pela educação.

Os movimentos populares buscaram as condições dignas de existência e de sobrevivência, para mostrarem que o povo é capaz de participar sim, das questões políticas, é neste momento que estão preparados para discutir um processo pedagógico, garantindo a educação para a classe antes vista como “incapaz”.

Para que o sujeito seja capaz de participar e intervir na sua realidade ele necessita transpor as barreiras da ignorância e para tal é fundamental que ele interaja com o mundo letrado por meio da educação formal; daí a importância da escola para a população do campo pois, segundo ARROYO (2001):

Somente será reconhecido apto a participar como sujeito social e político quem tiver vencido a barbárie, a ignorância, que tiver aprendido a nova racionalidade, quem tiver sido feito homem moderno.

E este homem moderno, quando se trata de educação do campo, não se faz com transposição curricular, mas com um currículo específico que considere que no campo existe uma série de fatores extremamente relevantes da vida e da formação dos sujeitos, que há um vínculo com a terra que precisa ser mantido, e como dito antes, neste vínculo está suas necessidades imediatas, que precisam ser supridas para se criar as condições para o desenvolvimento da educação.

Segundo ARROYO (2001), primeiro é preciso formar o homem natural. Contextualizar a sua condição natural para formá-lo sujeito, social, político e cidadão.

Dentro desta perspectiva, busquei investigar e conhecer como está organizado o sistema de ensino que atende a educação do campo em Parauapebas e como a Secretaria de Educação demonstra a institucionalização da mesma no município. Uma vez que esta tem um Setor específico para coordená-la pedagógica e administrativamente, e assim por meio desta investigação analisar e discutir se a educação oferecida no município à população do campo é fundamentada nos princípios básicos da educação do campo.

Neste sentido é relevante também pesquisar se profissionais que atuam no campo percebem alguma relação da educação formal com princípios da educação do campo, conhecer se há proposição de formação continuada que aponte para a reconstrução do currículo das escolas do campo. E através de todo este trabalho propiciar uma reflexão sobre a necessidade de formar educadores do campo no campo e para o campo, sujeitos que tenha raízes históricas nessa realidade e que concretizem essa educação tão almejada.

3. A PESQUISA QUALITATIVA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Mostrar algo novo em uma situação regulamentada requer um esforço muito grande para se manter “neutro” e não se deixar levar por hipótese ou opinião própria, quem pesquisa precisa procurar descrever, compreender ou explicar algo, porem não do seu ponto de vista, mas a partir dos objetivos proposto tanto pelo pesquisador como também do seu objeto de pesquisa delimitado.

As afirmações deverão ser feitas com base em dados coletados e registrados, a partir destas afirmações o pesquisador poderá mediante aos resultados avaliar até que ponto suas hipóteses estão em evidências e inserir sua opinião.

O pesquisador precisa ser curioso e criativo, já que não é possível ter certeza do que se vai encontrar, o máximo que se pode fazer são hipóteses, nenhum modelo de pesquisa vai atender uma situação de coleta de informação em sua totalidade, são as intervenções do pesquisador que vão permitir o aproveitamento destas informações, fazendo recortes do que tem relevância dentro do objetivo da pesquisa, do que se quer mostrar, ou compreender.

Não há um modelo de pesquisa científica, como não há “o” método científico para o desenvolvimento da pesquisa. Esta é uma falsa idéia, pois o conhecimento científico se fez e se faz por meio de uma grande variedade de procedimentos e a criatividade do pesquisador em inventar maneiras de bem realizar os seus estudos tem que ser muito grande. A pesquisa não é, de modo algum, na prática, uma reprodução fria das regras que vemos em alguns manuais. O próprio comportamento do pesquisador em seu trabalho é-lhe peculiar e característico GATTI, (2007).

Desta forma busquei desenvolver esta pesquisa numa abordagem qualitativa utilizando questionários de entrevistas semi estruturadas, uma vez que segundo Luna (2002), o resultado de uma pesquisa não se refere às informações coletadas, mas ao tratamento dado a essas informações para que nos permita a partir delas construir conhecimentos até então não disponível. Considerando que as:

Respostas a um questionário, transcrição de entrevistas, documentos, registros de observação, representam apenas “informações”, à espera de um tratamento que lhe dê um sentido e que permita que a partir delas se produza um conhecimento até então não disponível. LUNA, (2002) p. 19

No tratamento das informações coletadas, selecionei, categorizei os dados de acordo com meus objetivos e os confrontei com as teorias de alguns autores como, CALDART, ARROYO, GADOTTI, e outros, que discutem educação popular e educação do campo, para daí apresentar os resultados, pois os dados da pesquisa são de fontes

primárias, coletados através de entrevistas como já disse por meio de questionários, podendo ser apresentados outros registros, como imagens ou documentos.

O público alvo da pesquisa foram professores, coordenadores, e também a direção deste setor. As entrevistas dos coordenadores aconteceram no Setor de Educação do Campo do município durante período normal de funcionamento, e os professores foram entrevistados em suas residências fora do seu horário de atuação em sala de aula.

O período da pesquisa foi de agosto a novembro de 2013.

Segundo LUNA (2002), ao se realizar uma pesquisa estamos trazendo para os registros, algo que existe, e por mais que seja conhecido, não está cientificamente comprovado, não pode ainda ser considerado “conhecimento”, esta construção dá credibilidade ao resultado obtido, trazendo algo importante para a comunidade científica. Daí a importância da análise dos dados coletados, pois é neste momento que se elabora o conhecimento científico.

As indagações feitas durante o processo de sistematização das reflexões educativas iniciam-se a partir de minha prática enquanto aluno e posteriormente professor de uma vivência no campo e se intensificou após oportunidade de estudos no ensino médio e superior, mas principalmente na minha experiência desenvolvida enquanto educador do campo, após a experiência no ensino superior, construída no município em que escolhi para pesquisa e de certa forma contribuir.

As percepções de um plano mais intenso da organização do sistema de ensino que atende a educação do campo e no campo e como o governo local demonstra e institucionaliza a mesma a luz de uma discussão dos direitos da população camponesa a uma educação pública e do campo enquanto possibilitadora de construção de vidas de sujeitos nela interiorizada, do e no campo lança-me nesta pesquisa.

Para perceber o que distancia e o que se aproxima de uma proposta da educação do campo utilizei-me de minhas experiências, mas principalmente das entrevistas realizadas, pois como afirma Ludke e André:

possibilitar um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens. Em primeiro lugar, a experiência direta é sem dúvida o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno. E a entrevista, por permitir a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informe e sobre os mais variados tópicos. Ela, ao contrário de outros instrumentos de investigação possui uma flexibilidade bem maior no que se refere a correções, esclarecimento (...) e adaptações na obtenção das informações desejadas. (1986, 26, 34)

Por isso, para realizar essa análise, como já disse anteriormente, tabulei e categorizei os dados de acordo com cada questão a ser respondida, a fim de atingir os

objetivos da pesquisa. Desta forma, os dados apresentados nos capítulos seguintes estarão organizados e classificados em (P. S.) Profissionais do Setor 1, 2, 3, 4 e (P. E.) professores das escolas do campo A, B, C, D, E, F.

3.1 A EDUCAÇÃO DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE PARAUPEBAS

O Setor de Educação do Campo é um departamento da SEMED - Parauapebas e existe apenas como nomenclatura simbólica na fachada do prédio onde funciona, pois legalmente é registrado como Setor de Educação Rural.

A equipe pedagógica, administrativa e de apoio do setor é composta por: uma coordenadora de Língua Portuguesa Arte e Inglês, dois auxiliares administrativos, duas coordenadoras de salas de leitura, sendo uma do 1º e 2º ciclo e uma de 3º e 4º ciclo, uma coordenadora de Geografia, uma coordenadora de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Uma secretária, um coordenador de história e ensino Religioso, dois coordenadores de ciências e Educação Física, um Diretor, uma coordenadora geral, cinco coordenadoras que atuam na educação infantil e primeiro e segundo ciclos; conta também com dois funcionários de apoio logístico e administrativos, dois motoristas, três vigilantes e duas cozinheiras, totalizando 26 funcionários.

Destes funcionários, 5 são concursados e 21 contratados, sendo que apenas 8 residem no município a mais de 10 anos.

Esta equipe conta com um veículo de apoio para o deslocamento até as escolas para o acompanhamento das atividades encaminhadas aos professores, já que o setor está localizado no perímetro urbano do município, este acompanhamento acontece quinzenalmente ou semanalmente.

O Setor é responsável por 12 escolas atendendo no total de 2.560 estudantes distribuídos em três turnos, pela manhã são 1.162, à tarde 1.153 e a noite 245 estudantes.

Para atender estas escolas o Setor de Educação Campo conta com 9 gestores escolares e com 120 professores aproximadamente; este dado é aproximado devido à rotatividade de professores, e o controle da secretaria estar desatualizado não podendo desta forma fornecer os dados exatos no momento da pesquisa.

Quanto ao prédio onde funciona este Setor, é separado dos demais setores da Secretaria de Educação, trata-se de um prédio alugado composto por 5 salas equipadas com computadores internet, e moveis adequados, possui estacionamento, refeitório e cozinha.

3.2 AS AÇÕES DO SETOR DE EDUCAÇÃO DO CAMPO – O QUE SE APROXIMA O QUE SE DISTANCIA DE UMA PROPOSTA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – UM DIÁLOGO COM OS AUTORES

Quando me propus responder por meio de uma pesquisa o que se aproxima e o que se distancia de uma proposta de educação do campo no trabalho desenvolvido pelo Setor de Educação do Campo do referido município, me lancei ao desafio de através das análises minuciosas das entrevistas, identificar na fala dos profissionais que lá atuam, se existe uma proposta de educação do campo, se há ações e registro que justifiquem e comprovem esta proposta, se os profissionais, tanto do Setor quanto das escolas conseguem identifica-la e apresenta-la com propriedade.

Como já afirmei no capítulo que descreve a metodologia, organizei as entrevistas em profissionais do Setor, que são responsáveis pelo acompanhamento pedagógico das escolas e as formações continuadas dos professores, e em profissionais das escolas, os professores que atuam em sala de aula.

Vamos a primeira questão, perguntei aos profissionais do Setor, quais ações são pautadas no Setor de Educação do Campo que justifique se há ou não uma proposta de educação do campo para o município, uma vez que para ARROYO (2001). O povo vai construído a cidadania e aprendendo a ser cidadão nesse processo de construção que é a educação.

Segundo ele o povo é agente de sua construção como sujeito histórico. Nesse sentido a escola não pode se eximir de considerar estes saberes na construção do conhecimento, pois partir da perspectiva da adaptação de um modelo único da cidade para o campo, age-se como se não existisse um movimento social, cultural, e identitário que afirma o direito a terra, ao trabalho a dignidade, a cultura e a educação. Por isso a necessidade de uma proposta pedagógica específica.

Vejamos as respostas:

P. S. - 01 - 08 anos na educação do campo em Parauapebas. (...) em 2005 (...) só havia um calendário, onde as escolas rurais faziam suas adaptações....Hoje continuamos a adaptá-lo, porém nossas escolas a partir dos encaminhamentos do setor tem buscado ter autonomia e regularidades nas ações a partir de demandas mais específicas do campo. Estas ações tornaram-se mais qualificadas principalmente a partir de:

- 2005 os (as) técnicos (as) do setor começaram a participar das plenárias do 2º FREC, do I e II seminário de pesquisa em educação do campo e das conferências regionais da educação do campo do sul e sudeste do Pará: 2003 e 2005 (em Marabá), 2009 (em Xinguara), 2011 (em Parauapebas);
- 2007 a equipe do setor de Educação do campo realizou o 1º seminário de Educação do campo de Parauapebas com palestrantes do Movimento

social (MST e CEPASP) e Universidade Federal do Pará (Campus de Marabá/NECAMPO);

- Jornadas Pedagógicas: Todo início de ano letivo realizamos estudos específicos com carga horária de 16 a 20 horas só com temáticas específicas da Educação do Campo e legislação educacional. Infelizmente em 2012 esta jornada não foi garantida, devido a outros encaminhamentos dado pela Diretoria pedagógica da SEMED.

P. S. - 02 – 02 anos na educação do campo em Parauapebas Formação dos professores, na qual são realizadas com informações de conhecimento popular que resgate a cultura local.

Projetos pedagógicos realizados durante o ano letivo com proposta de resgate cultural local.

São estas propostas de atividades voltadas para reforçar esta relação do povo com sua cultura.

P. S. - 03 - 06 anos na educação do campo em Parauapebas. Não existe uma proposta já concretizada, pois é processo longo, existe uma discussão sobre a mesma. Atualmente se faz uma adaptação nas propostas.

Na secretaria de educação as coisas não se diferenciam é pensando uma única proposta para o campo e para a cidade, então podemos dizer que não existe ainda esta proposta, existe uma preocupação aqui na coordenação do setor para adequar os conteúdos e propor atividades que nos ajude garantir esta aproximação com a educação do campo, mas não tem esta proposta por parte da SEMED.

P. S. - 04 - 04 anos na educação do campo em Parauapebas

Há uma proposta.

O que é trabalhado nas escolas. Quando fazemos o acompanhamento a gente percebe que esta proposta é trabalhada, se coloca em prática o que é proposto, de acordo com o que é planejado pelos coordenadores do setor rural.

O professor já tem esta preocupação, mas as condições ainda são ... Ainda faltam por que esta proposta é vista aqui no setor mas a SEMED não diferencia nada para o campo apenas tem uma equipe que tem que acompanhar e orientar as escolas.... a educação nas escolas na zona rural, esta proposta existe apenas entre parte da equipe do setor rural e não dentro da SEMED, não tem uma proposta da secretaria de educação para o município.

Observei que as respostas obtidas têm alguns pontos de contradição, pois a profissional 1, afirma que existe uma proposta e consegue apresentar quais ações desenvolvidas que justificam essa proposta, a 2 também afirma, entretanto apresenta como ações apenas as formações que segundo a mesma é fundamentada nos conhecimentos populares de resgate a cultura local e projetos pedagógicos voltados “para reforçar esta relação do povo com sua cultura”. A 3, afirma não existir uma proposta específica, diz que na Secretaria “é pensado uma única proposta para o campo e para cidade”, então são feitas adaptações. Por fim a profissional 4 afirma como a 1 e a 2, que há uma proposta, porém não cita as ações que confirmem a existência, apenas diz que “quando é feito o acompanhamento nas escolas, percebe-se que esta é trabalhada, que o professor coloca em prática o que é proposto, de acordo com que é planejado pelos coordenadores”.

Alguns pontos a serem considerados:

Quando a profissional 2 fala em projetos pedagógico, qual o conceito que se tem de projeto pedagógico? Uma vez que ela afirma que as formações são fundamentadas nos conhecimentos populares de resgate a cultura local, como são trabalhados os conhecimentos científicos nas formações? Não são? Como é feita essa relação na escola. Porque a resposta da profissional Um difere tanto da Três, visto que a primeira está no Setor a oito anos e a segunda a seis?

A partir da reflexão sobre estas questões posso considerar que, apesar de todo o investimento do município na formação de educadores do campo, por meio deste Setor, alguns conceitos não estão totalmente estabilizados pelos formadores, o que implica diretamente no resultado final do trabalho. Outro fator que pude observar, foi que na maior parte das resposta, ainda que de maneira implícita os formadores não se sentem como SEMED como na fala:(...) “esta proposta existe apenas entre parte da equipe do setor rural e não dentro da SEMED, não tem uma proposta da secretaria de educação para o município”. (P.S. 4)

Quanto aos professores as respostas se assemelham, o que confirma a minha hipótese.

P. E. – “A” – Existe uma proposta do setor, mas o que eu percebo é que os conteúdos são sempre os mesmos da cidade, e as ações do setor não mudam muita coisa não, o que a gente faz acaba sendo o mesmo da cidade.

P. E. – “B” – Sim. No caso é o nosso currículo ele tem uma certa diferença em relação ao da cidade, também a questão do nosso próprio calendário, na nossa comunidade também ele é um pouco diferente do da cidade, as vezes a gente conta com muita falta de energia isso prejudica, e estas condições acaba estendendo um pouco mais o nosso calendário. Em relação ao conteúdo na verdade eu nunca observei o da cidade para ver esta diferença

P. E. – “C” – Na verdade existe só a proposta, a proposta de educação do campo mas só que ações não existe, o que eles trazem pra nós vem baseado na educação urbana, por que quando a gente vai fazer o mesmo que eles fazem na cidade eles falam que é diferente, que tem que ter as considerações do povo do campo, então eu acho que fica só na proposta, na pratica mesmo do fazer não aparece ações.

P. E. – “D” – Eu acredito que sim, mas eu cheguei agora pra cá e não entendo quase nada de educação do campo, ainda não consigo ver diferença.

P. E. – “E” – Eu acredito que em partes, há algumas adaptações que eu acho que seja necessário ser feita em relação aos conteúdos e também a metodologias porque tem conteúdos que dá para interagir e fazer com que o trabalho em sala de aula seja de acordo com a realidade do aluno mas na maioria das vezes esta realidade não é colocada em pauta para facilitar a aprendizagem do aluno.

P. E. – “F” – Existe só lá no setor porque aqui a realidade é outra, nós temos que aplicar os conteúdos e apresentar os resultados do jeito que SEMED exige.

Observei que o conceito de proposta pedagógica, não é algo claro para os professores, pois, segundo Vasconcellos (1995), a proposta pedagógica:

É um instrumento teórico-metodológico que visa ajudar a enfrentar os desafios do cotidiano da escola, só que de uma forma refletida, consciente, sistematizada, orgânica e, o que é essencial, participativa. É uma metodologia de trabalho que possibilita ressignificar a ação de todos os agentes da instituição (p. 143).

Logo, se não compreendem, não participam e não se sentem agentes desse processo de transformação, se assim não o são como contribuirão para essa mudança? As respostas como analisei são como se eles estivessem a parte do processo e não dentro. Sendo o professor o principal agente de transformação pois é por meio da sua relação com o aluno que se constrói conhecimento vemos a necessidade de uma transformação radical no processo de formação inicial e continuada dos profissionais que atuam na educação do campo.

E ainda uma revisão coletiva desta proposta, se é que ela existe documentada, pois não tive acesso a nenhum documento referente a mesma, e se não existe, que seja construída com todas as partes envolvidas na educação formal do município, de modo democrático e reflexivo, só desta maneira poderá se falar em proposta pedagógica para educação do campo.

Essa ação é de extrema relevância, pois para ARROYO (2001). O povo vai construído a cidadania e aprendendo a ser cidadão nesse processo de construção. O povo é agente de sua construção como sujeito histórico.

Perguntei aos formadores se como formador de professores, conseguem perceber alguma relação da educação formal com princípios da educação do campo? As respostas foram várias,

P. S. – 01 Na organização dos tempos, para não fragmentar tanto o objeto das disciplinas e na tentativa de potencializar os planejamentos (sem falar na lotação em diferentes modalidades e disciplinas do mesmo professor) optamos por propor as formações dos ciclos finais (6º ao 9º ano) por área de conhecimento, agregando disciplinas afins. Dessa forma tentamos fazer um trabalho contextualizado e interdisciplinar. Porém ainda falta consolidar o princípio que é muito importante pra autonomia dos nossos educadores quanto á pesquisa como princípio educativo.

P. S. – 02 - No programa curricular educacional, percebemos a inter-relação dos conteúdos formal com os conhecimentos adquiridos da cultura popular na qual acrescenta ainda mais na formação da valorização do local. Mas isso só acontece aqui, da SEMED não vem nada diferenciado, a gente é faz as adaptações.

Apesar da formadora P.S. 01 não responder que sim, na sua fala percebi uma reflexão sobre os princípios dos quais destaco a preocupação com a pesquisa como princípio educativo, já a P. S. 02 parece que não compreende que uma vez a secretária tendo um Setor específico para a educação do campo é responsabilidade dos que lá trabalham planejar e desenvolver uma proposta pedagógica a partir destes princípios, problema que não é só dela, já que outros profissionais entrevistados, também utilizaram o mesmo argumento de que a SEMED não faz nada específico para o campo e que tudo o Setor tem que adaptar. Como disse os argumentos são como se o Setor não fosse um departamento da Secretaria, como observei na resposta abaixo:

P. S. – 04 - Hoje há um pouco, quando a gente encaminha uma proposta os nossos educadores já questionam quando a proposta não está adequada às realidades dos alunos do campo, na vila palmares não existe mais esta preocupação de adequar os conteúdos de acordo com as vivências dos educandos. Eles já se consideram urbanos, isto na palmares I, então já se tem trabalhado um pouco estas diretrizes principalmente com a coordenadora “1” que é mais engajada nos movimentos da educação do campo, e incentiva todos nós, quem tem vontade de adequar a realidade faz, mas como eu já disse é de cada um, a SEMED não cuida desta parte de adaptar os conteúdos à realidade e nós coordenadores vamos depender da experiência e da vontade do professor para fazer algo diferente, se não vai ser trabalhado os mesmos conteúdos da mesma forma da zona urbana.

Há uma ausência de reflexão da relação curricular entre trabalho e cultura no espaço escolar como parte integrante da construção da identidade do sujeito do campo; os princípios da educação do campo devem considerar a sua realidade, pois:

Uma escola do campo precisa de um currículo que contemple necessariamente a relação com o trabalho na terra. Trata-se de desenvolver o amor à terra e ao processo de cultivá-la, como parte da identidade do campo, independente das opções de formação profissional, que podem ter ou não, como ênfase, o trabalho agrícola; (...) Nossos currículos precisam trabalhar melhor o vínculo entre educação e cultura, no sentido de fazer da escola um espaço de desenvolvimento cultural, não somente dos estudantes, mas das comunidades. Valorizar a cultura dos grupos sociais que vivem no campo; conhecer outras expressões culturais; produzir uma nova cultura, vinculada aos desafios do tempo histórico em que vivem educadores e educandos e às opções sociais em que estão envolvidos. (FERNANDES, CERIOLI e CALDART, 2004: p. 57).

A formadora P. S. 03 afirma que sim, consegue perceber, principalmente nos profissionais que já tem mais tempo de formação e fazem parte de movimentos sociais conforme transcrito abaixo:

P. S. – 03 - Sim. A educação independente de ser nas escolas do campo ou da cidade tem um papel importantíssimo que é de dá condição as pessoas de viver em qualquer grupo social, e a gente percebe isto em alguns professores que fazem parte de movimentos sociais, ou que já está no setor a bastante tempo e já participaram de muitas formações e estudos

sobre a educação do campo, principalmente os que estiveram envolvidos nas conferências de educação do campo.

Esta afirmação me suscita a reflexão da necessidade de não só investir na formação inicial e continuada como garantir a permanência de educadores que tenham vínculo com o campo, pois como afirma Arroyo (2004: p. 77-78):

Os processos educativos acontecem fundamentalmente no movimento social, nas lutas, no trabalho, na produção, na família, na vivência cotidiana. E a escola, o que tem a fazer? Interpretar esses processos educativos que acontecem fora, fazer uma síntese, organizar esses processos educativos em um projeto pedagógico, organizar o conhecimento, socializar o saber e a cultura historicamente produzidos, dar instrumentos científico-técnicos para interpretar e intervir na realidade, na produção e na sociedade.

Daí esta necessidade; de educadores, que mais do que socialize saberes produzam conhecimento na ação reflexão ação, da prática cotidiana na interação com o meio e os sujeitos onde atuam.

Dos seis educadores entrevistados, cinco responderam que não vêem nenhuma relação da educação formal com os princípios da educação do campo, sendo que alguns afirmaram nem conhecerem esses princípios, de acordo com os relatos abaixo:

P. E. – “A” - Aqui não, aqui não e até mesmo porque a gente não tem esta formação voltada para a educação do campo.

P. E. – “B” - Olha eu te digo que aqui na região que nós vivemos, aqui na vila sanção que ela é muito próxima desses projetos da vale, ela não é uma questão rural, ela é rural porque está distante de Parauapebas, mas ela é uma escola totalmente nos moldes urbanos, até a mentalidade das crianças não é aquela mentalidade comum de uma criança do campo, é muito diferente, estes projetos da vale eles aglomeram muita gente nesses alojamentos então é um fluxo de pessoas muito grande as crianças ficam com uma influencia muito forte com esses trabalhadores é uma relação muito forte da comunidade com estes alojamentos, o transporte também o acesso é muito fácil daqui para Parauapebas então eu não vejo a diferença.

P. E. – “C” - Os conteúdos eu acho que são os mesmos da educação urbana, dessa forma a gente acaba aplicando os conteúdos da forma que vem de lá, porque se a gente começar a trabalhar alguma coisa diferente a gente é cobrado pela coordenação pedagógica,

P. E. – “D” - Eu não sei te dizer, eu não conheço estes princípios da educação do campo, eu não tive formação nesta área.

P. E. – “F” - Não porque o que é cobrado da gente não tem nada a ver com a educação do campo, não tem diferença da zona urbana.

Os relatos dos educadores acima confirmam as considerações que fiz até então, ao que parece o Setor não tem conseguido trabalhar dentro da realidade do campo, ou pelo menos, cumprir com seu papel principal de coordenar pedagogicamente as ações educativas a partir destes princípios. Pois segundo os entrevistados podemos até usar ARROYO,(2004: p. 80), para nos fundamenta visto que:

(...) as políticas educacionais, os currículos são pensados para a cidade, para a produção industrial urbana, e apenas se lembram do campo quando se lembram de situações “anormais”, das minorias, e recomendam adaptar as propostas, a escola, os currículos, os calendários a essas “anormalidades”. Não reconhecem a especificidade do campo.

Mesmo a profissional P. E. – E, afirmando que consegue perceber os princípios, fala em adaptação de atividades, que recaem na problemática levantada por Arroyo.

P. E. – “E” - Sim, mas isso só quando é atividade mais livres, que facilita as adaptação das atividades propostas pelo setor.

Na pergunta seguinte, as respostas se assemelham bastante, por isso considerei relevante prosseguir a análise citando apenas uma resposta, pois que as demais se encontrarão nos anexos deste trabalho para consultas futuras de quem tiver interesse.

Assim destaco a resposta da P. S. 01; ao perguntar como ela percebe no acompanhamento do processo pedagógico das escolas, a atuação do educador em relação aos princípios da educação do campo, se existe? Segundo a mesma, estes saberes não estão consolidados, mas o que identifiquei como relevante desta resposta foi a percepção de algumas problemas que dificultam esse trabalho segundo o registro abaixo:

Ainda não estão consolidadas, uma aspecto que vai impactar negativamente é a alta rotatividade de educadores e a ausência de um quadro de professores concursados. Importante citar também é a formação inicial dos nossos professores que não atende aos princípios da Educação do Campo.

Esta afirmação nos remete aquela consideração anterior, de que é preciso formar e garantir a permanência de educadores competentes e comprometido com a educação do campo.

Quanto aos professores perguntei se participam das formações continuadas oferecidas pelo Setor? se nestas, há proposição que aponte para a reconstrução do currículo das escolas do campo? Se houvesse, eles poderiam citar algumas?

P. E. – “A”- Tem a proposta, mas na pratica ela não aparece, o que ainda tem nas escolas é o PPP mas não tem mudado nada, o currículo acaba sendo o mesmo da cidade.

P. E. – “B” - Sim. Não vejo propostas que venha trazer esta mudança não.

P. E. – “C”- Não até por que nas formações não é discutida, basicamente o que a gente trabalha em sala de aula, não é discutido como agente trabalha, é discutido os conteúdos e não as metodologias.

P. E. – “D”- Participo, eu não posso falar com propriedade porque eu conheço muito pouco, das propostas do setor de educação do campo.

P. E. – “E”- Participo. É percebo que há uma grande preocupação em fazer as adaptações que venha a atender as necessidades dos alunos do campo, mas esta adaptação ainda não e suficiente, e é importante que aja esta mudança nos conteúdos e no currículo.

P. E. – “F”- Sim. Não em nenhum momento.

Observei que não há uma relação de prazer e satisfação com trabalho que realizam, no que se refere a participação nas formações há uma dureza nas respostas, como se não houvesse nenhum aproveitamento e que a mesma se dá por obrigatoriedade e não pela sede de conhecimento, ou talvez de fato a formação não seja tão atrativa. Entretanto,

Como educadores não podemos perder esse movimento histórico e colocarmos questões básicas para a escola. A escola trabalha com sujeitos de direitos, a escola reconhece direitos, ou a escola nega direitos? A escola foi feita para garantir direitos, porém ela, infelizmente, é peneiradora, é excludente dos direitos. Então a questão a nos colocar é: que escola estamos construindo? Que garantia de direitos a nossa escola dá para a infância, para a adolescência, para a juventude e para os adultos do campo? (ARROYO, 2004: p. 74).

Se não refletirmos sobre estas questões levantadas por Arroyo, estamos correndo o risco de só contribuirmos para esta peneira que é a educação formal, que ao desconsiderar os saberes do povo exclui quando devia incluir, pois quem não se adequa, não resiste, e ou abandona a escola, ou abandona o campo.

Os mesmos educadores afirmaram que a educação do campo é importante, porém nem todos conseguiram argumentar o por que. Vejamos as respostas:

P. E. – “A”- Seria importante sim

P. E. – “B” - Sim, mas se fosse para fazer a diferença mesmo.

P. E. – “C”- Se fosse na forma que o povo do campo precisa e merece eu concordo, mas só para aparecer no discurso nos dias de eventos da educação do campo como acontece aí eu discordo.

P. E. – “D”- Eu acho importante.

P. E. – “E”- É muito importante, e em 2014 estas metas já estão traçadas para a EJA. E em 2014 elas vão ser colocadas em prática, e isso vai facilitar muito o nosso trabalho. E ao alunos moram distante e isto gera uma série de situações que exige realmente uma mudança no currículo da educação do campo em Parauapebas.

P. E. – “F”- Isso seria o essencial.

A partir destas repostas posso considerar que os professores não se veem como construtores da educação do campo apresentam uma visão fragmentada de que a proposta deve vir de fora, até eles, não como seres pensantes que discutem, se opõem, constroem e reconstróem, tem uma visão tradicional de educação como se eles fossem totalmente passivos a esses saberes, essas relações.

Sobre a última questão feita aos formadores, as respostas foram variadas, mas reforçam o que se vem sendo discutido no decorrer desta análise, é necessário inclusive um aprofundamento teórico-metodológico pelos formadores do Setor sobre Educação do Campo pois, dos entrevistados apenas uma formadora apresentou conhecimentos sólidos em suas respostas, mesmo assim, como aprendizagem é um processo contínuo que precisa ser estimulado constantemente vi este indicador. Até por que para convencer o profissional de que algo é melhor para ele e para realidade onde atua o formador precisa estar seguro de seus conhecimentos, falar com propriedade e acima de qualquer situação dar exemplo com ações práticas, ou seja, se quero formar leitores antes de tudo tenho que ser um bom leitor.

Perguntei se na formação continuada, realizada pelo setor há proposição de que aponte para a reconstrução do currículo das escolas do campo? Se houvesse, poderia citar algumas? Vamos as respostas:

P. S. – 01 As Formações Continuadas de Professores:

- **2008:** Foram incluídas temáticas sobre as relações étnico-raciais com objetivo de atender a lei 10.639/03. Esta iniciativa não foi da diretoria pedagógica, fomos nós do setor de educação do campo. Só em 2013 que houve o encaminhamento do MEC, em parceria com o estado e a PMP para as oficinas do projeto "A Cor de Cultura" que atendeu principalmente as disciplinas: História, Geografia, Ensino religioso e Arte (nos ciclos finais) e Educação Infantil, ciclos iniciais e EJA.

2009, 2010, 2011: Nas Jornadas pedagógicas realizadas todo início de ano letivo (janeiro), as pautas passaram a refletir as temáticas desenvolvidas nos cursos de capacitação e/ou pós graduação em Educação do campo, currículo, cultura e letramento ofertada pelo Campus da UFPA de Marabá e realizada por sete educadores do campo de Parauapebas. Inclusive as pautas foram desenvolvidas por estes professores/educandos.

OBS: As decisões técnicas e pedagógicas são resultantes de discussões coletivas com todas da equipe do setor. No entanto as decisões políticas (partidárias) ainda afetam nossa lotação.

P. S. – 02 - A sugestão é garantida pelo Projeto Político Pedagógico da escola (PPP). Esta uma das propostas que mais... Garante os princípios da educação do campo para estas escolas.

P. S. – 03 Como já citei, trabalhamos sempre tentando alcançar algo, e o nosso objetivo é ter o currículo da educação do campo organizado, atendendo as necessidades da nossa gente, mas até agora o temos são adaptações, e existe uma barreira muito grande para discutir isto dentro da secretaria de educação.

P. S. – 04 - Se fala nesta reformulação do currículo, sentar para rever e fazer a readequação das fichas que ainda é utilizada as mesmas da zona urbana, readequar os pareceres e as formas de avaliação, devido as criticas apresentadas durante os conselhos de classe, há também uma necessidade de adequação do calendário isto é questionamento até pelos pais, eles dizem que as férias é no período que as condições favorecem o deslocamento dos alunos para a escola, uma vez que eles dependem do transporte escolar e as estradas são muito ruins, então porque não deixar as férias para o período de chuva que tem a dificuldade de deslocamento e que muitas famílias estão ocupadas com as atividades agrícolas principalmente os plantios. A gente tem a idéia de agora em 2014 fazer esta readequação do currículo.

Mas uma vez, as respostas se confundem, não há uma unidade no discurso das formadoras, nota-se uma preocupação de citar os problemas indicando culpados, entretanto falta a sede de transformação que deveria partir das mesmas. Um outro indicador é a ausência da reflexão sobre a necessidade de revisar os PPP das escolas e ajusta-lo a Proposta Pedagógica do Setor que segundo Gandin (1999) deverá conter duas partes essenciais, uma propondo o rumo, o horizonte onde se quer chegar e outra propondo os caminhos a serem percorridos para se atingir este horizonte, o que só poderá acontecer adequadamente se as duas partes estiverem interligadas pela avaliação, pelo diagnóstico da prática.

Assim sendo, fica o registro de que para fazer educação do campo, no campo, com o campo, para o campo é preciso se compreender como sujeito do processo que coletivamente reflete e age nesta construção, que não é possível construí-la apenas com ideias, a ideia é importante, mas não basta. É preciso planejamento, planejamento entendido como um processo científico de intervenção na realidade, daí a relevância da Proposta Pedagógica do Setor e dos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas como ramificações das escolas.

4. POSSÍVEIS INDICADORES PARA CONSTRUÇÃO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DE QUALIDADE.

Ao iniciar este trabalho de pesquisa tinha como principal objetivo investigar e conhecer como está organizado o sistema de ensino que atende a educação do campo em Parauapebas e como a Secretaria de Educação demonstra a institucionalização da mesma no município.

Através da análise dos dados posso considerar que a educação do campo funciona com a estrutura de uma mine-secretária, que é o Setor de educação do campo, sendo este responsável pela gestão administrativa e pedagógica das escolas do campo, garantindo toda a estrutura necessária para o funcionamento efetivo. As escolas tem um calendário letivo semelhante ao das escolas urbanas, feitas apenas algumas adaptações, assim também acontece com o currículo e demais atividades previstas no calendário. Vale ressaltar que alguns eventos são diferenciados, como anualmente é realizada a Mostra Cultural de Educação do Campo, também nas entrevistas foram citados Seminários e Conferências.

Esse sistema de ensino atende nas modalidades de educação infantil, ensino fundamental e Educação de Jovens e Adultos - EJA, sendo ofertadas em escolas polos, nas quais o transporte escolar leva os estudantes até a escola ou em multisserias, sendo estas apenas de educação infantil ou primeiro e segundo ciclo.

Desta forma, apresento meu objetivo geral como atingido, no que se refere a conhecer a organização do sistema de ensino, já sobre como a secretária demonstra a institucionalização da educação do campo, entendo que caberia outra pesquisa para maior aprofundamento do tema.

Vale ressaltar, que em momento algum pretendo que as conclusões aqui apresentadas sejam tidas como verdades absolutas e acabadas, mas que sejam como indicadores reflexivos para a revisão da prática, uma vez que o campo da educação é dialético e apto a grandes transformações então vamos às considerações.

Não foi possível concluir se há ou não uma proposta de educação do campo específica no Setor, pois alguns afirmam que sim, mas a maioria diz que não, o fato é que se ela existe parece está ainda muito no mundo das ideias de uns poucos, não é algo que seja conhecido, sentido, vivenciado na prática pelos entrevistados, essa consideração se torna mais grave, quando isto não é claro nem mesmo para os formadores de professores. Porém, tenho que ter cautela com minhas afirmações visto que só entrevistei cinco por cento dos professores, entretanto, foram trinta e três por cento dos formadores e suas respostas foram bem divergentes.

Logo posso considerar que, como já afirmei nas análises, é necessário primeiro que os formadores do Setor estudem sobre educação do campo, aprofundem seus conhecimentos, procurem conhecer todos os documentos norteadores produzidos nas últimas décadas, como as Diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo, os teóricos que tem discutido esta temática, e quando se apropria do conceito de educação do campo na educação formal, só então ele se sentirá parte desta transformação, se reconhecerá como agente transformador, pois é isso que o conhecimento faz conosco, a medida que aprendemos, nos transformamos e sentimos a necessidade de mudar o meio, Daí ele poderá investir na formação dos professores, pois seu próprio conceito já será outro.

Quanto aos professores, a relação é semelhante, eles precisam, já desde o processo de seleção ter superado a concepção tradicional de educação, esperando que a mudança venha de fora, eles precisam também se verem como agente de transformação, como formar verdadeiros cidadãos, que saibam questionar, construir, elaborar, se o próprio professor apresenta uma postura submissa? Acredito que seria importante ler, Paulo Freire, Moacir Gadotti, Danilo Gandin, José Carlos Libâneo, principalmente para fundamentar a elaboração e revisão da proposta e dos P.P.P. das escolas.

Quando busquei conhecer e discutir se a educação oferecida no município de Parauapebas à população do campo é fundamentada nos princípios básicos da educação do campo, as repostas foram surpreendentes já que, quase cem por cento dos professores responderam nem conhecer esses princípios ou que eles não existem na educação do campo do município, alguns até afirmaram que a educação do campo é desenvolvida igual a da zona urbana e que a SEMED exige que seja assim.

Portanto, retomo minhas considerações enfatizando a necessidade de estudo e aprofundamento e levanto alguns questionamentos como: se a SEMED exige que seja igual a educação da zona urbana, por que então manter um Setor com tamanha estrutura? Por que a proposta de Educação do Campo deve vir da SEMED se existe um Setor específico para coordenar pedagogicamente a Educação do Campo?

Vale ressaltar que, através das análises percebi também, que precisam ser definidos ou esclarecidos, qual é o verdadeiro papel do Setor enquanto departamento da SEMED, na Educação do Campo. Pois que em diversos trechos das entrevistas, tanto dos formadores quanto professores, eles não se veem como um departamento da secretária, e até argumentam que não há uma preocupação da mesma com os princípios de educação do campo.

Quanto a conhecer se há proposição de formação continuada que aponte para a reconstrução do currículo das escolas do campo. Não há nenhuma, todas as falas volveram em torno de adaptações, o que é bem complicado quando vimos nas análises e segundo

Arroyo (2004) que os currículos são pensados para a cidade e apenas se lembram do campo nas adaptações de propostas, da escola, dos calendários, então como reconhecer as especificidades sem ser discriminatório? Desenvolvendo um trabalho de construção coletiva desta proposta, deste currículo, a fim de que as escolas do campo tenham a cara do campo.

Mas a quem competira esta responsabilidade? Esta é uma resposta que não posso dar, mas posso sugerir que primeiramente do Setor, que automaticamente se torna da SEMED, visto que o primeiro é departamento da segunda, logo assumamos que a responsabilidade é de todos os agentes educacionais, inclusive dos estudantes, por isso precisa-se apenas de quem coordene esse processo.

Por ultimo quis propiciar uma reflexão sobre a necessidade de formar educadores do campo no campo e para o campo, sujeitos que tenha raízes históricas nessa realidade e que concretizem essa educação tão almejada. Assim todos os elementos levam a este indicador, pois se o educador tem raízes no campo, maior compromisso ele vai ter com essa realidade.

Se garantirmos a continuidade do educador no campo, por meio de concurso ou benefícios que favoreceram sua permanência, maior possibilidades têm de qualidade na educação, pois pode investir mais na formação inicial e continuada e obter-se a regularidade nas ações planejadas a curto e longo prazo.

Reforço ainda, que não quero apresentar aqui um modelo a ser seguido, para atingir o sucesso na educação do campo, os dados aqui apresentados, são antes de tudo, questões para suscitar reflexão de como podemos trilhar o caminho para a construção de um sistema de educação de qualidade.

5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete e MOLINA, Mônica Castagna (orgs.). Por uma educação do campo. Petrópolis: Vozes, 2004.

ARROYO, M. Por Uma Educação Básica do Campo: texto preparatório. In: CALDART, R. S. MOLINA, M. C. Por uma educação do campo Petrópolis: Vozes, 2004.

ARROYO Miguel. Educação e Cidadania: Quem educa o cidadão? 9ª Ed, São Paulo: Cortez 2001.

CALDART, Roseli Salete. Educação em Movimento, formação de discadores e educadoras no MST. Petrópolis RJ. Vozes. 1997.

COLEÇÃO POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO – Vol.1 – A educação básica e o movimento social do campo Autor: Edgar J. Kolling, Irmão Néry, Mônica C. Molina. 2007

COLEÇÃO POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO – Vol.4 – Educação do Campo, Identidade e Políticas Públicas Autor: Edgar Jorge Kolling, Paulo Ricardo Cerioli e Roseli Salete Caldart (org.) 2ª Edição: Setembro 2001.

FERNANDES, B. M., CERIOLI, P. R. e CALDART, R. S. Primeira Conferência Nacional Por Uma Educação Básica do Campo: texto preparatório. In: ARROYO, M. Gonzalez, CALDART, R. S. MOLINA, M. C. Por uma educação do campo. Petrópolis: Vozes, 2004.

GADOTTI, Moacir. Concepções Dialéticas da Educação: um estudo introdutório, 12ª Ed – São Paulo Cortez 1987.

GANDIN, Danilo. GANDIN, Luis Armando. Temas para um projeto político-pedagógico, Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

GATTI, Bernadete Angelina. A Construção da Pesquisa em Educação no Brasil. Brasília: Líber Livro Editora, 2007.

HAGE Salomão Mufarrej. Educação do Campo na Amazônia: retratos de realidade das escolas um, Multisseriadas no Pará. Belém, Gutemberg Ltda. 2005: 296 p.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Filosofia da Educação. São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção Magistério 2º grau).

LUDKE, Menga. e ANDRÉ, Marli. E. D. A. Pesquisa em educação; abordagens qualitativas, São Paulo: EPU, 1986.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. Planejamento de Pesquisa 6ª Ed – São Paulo: EDUC, 2002.Nacional

VASCONCELLOS, C. S. Planejamento: Plano de Ensino-Aprendizagem e Projeto Educativo. São Paulo: Libertat, 1995.

6. ANEXOS

PERGUNTAS - PROFISSIONAIS DO SETOR - 01

FORMAÇÃO? Licenciatura e Bacharelado em Geografia

TEMPO DE ATUAÇÃO NAS ESCOLAS DO CAMPO? 8 anos.

1. Quais ações são pautadas no setor de educação do campo que justifique se há ou não uma proposta de educação do campo para o município de Parauapebas?

Quando eu cheguei à SEMED em 2005 (como técnica de Estudos Amazônicos das escolas da zona urbana) só havia um calendário onde as escolas rurais faziam suas adaptações....Hoje continuamos a adaptá-lo, porém nossas escolas a partir dos encaminhamentos do setor tem buscado ter autonomia e regularidades nas ações a partir de demandas mais específicas do campo. Estas ações tornaram-se mais qualificadas principalmente a partir de:

- 2005 os (as) técnicos (as) do setor começaram a participar das plenárias do FREC, do I e II seminário de pesquisa em educação do campo e das conferências regionais da educação do campo do sul e sudeste do Pará: 2003 e 2005 (em Marabá), 2009 (em Xinguara), 2011(em Parauapebas);
- 2007 a equipe do setor de Educação do campo realizou o 1º seminário de Educação do campo de Parauapebas com palestrantes do Movimento social (MST e CEPASP) e Universidade Federal do Pará (Campus de Marabá/NECAMPO);
- Jornadas Pedagógicas: Todo início de ano letivo realizamos estudos específicos com carga horária de 16 a 20 horas só com temáticas específicas da Educação do Campo e legislação educacional. Infelizmente em 2012 esta jornada não foi garantida, devido a outros encaminhamentos dado pela Diretoria pedagógica da SEMED.

2. No trabalho que você desenvolve, como formador de professores, consegue perceber alguma relação da educação formal com princípios da educação do campo?

Na organização dos tempos, para não fragmentar tanto o objeto das disciplinas e na tentativa de potencializar os planejamentos (sem falar na lotação em diferentes modalidades e disciplinas do mesmo professor) optamos por propor as formações dos ciclos finais (6º ao 9º ano) por área de conhecimento, agregando disciplinas afins. Dessa forma tentamos fazer um trabalho contextualizado e interdisciplinar. Porém ainda falta consolidar o princípio que é muito importante pra autonomia dos nossos educadores quanto á pesquisa como princípio educativo.

3. No acompanhamento do processo pedagógico das escolas como você percebe a atuação do educador em relação aos princípios da educação do campo, existe?

Ainda não estão consolidadas, uma aspecto que vai impactar negativamente é a alta rotatividade de educadores e a ausência de um quadro de professores concursados. Importante citar também é a formação inicial dos nossos professores que não atende aos princípios da Educação do Campo.

4. Na formação continuada, realizada pelo setor há proposição de que aponte para a reconstrução do currículo das escolas do campo? Se há poderia citar algumas?

As Formações Continuadas de Professores:

- **2008:** Foram incluídas temáticas sobre as relações étnico-raciais com objetivo de atender a lei 10.639/03. Esta iniciativa não foi da diretoria pedagógica, fomos nós do setor de educação do campo. Só em 2013 que houve o encaminhamento do MEC, em parceria com o estado e a PMP para as oficinas do projeto "A Cor de Cultura" que atendeu principalmente as disciplinas: História, Geografia, Ensino religioso e Arte (nos ciclos finais) e Educação Infantil, ciclos iniciais e EJA.

2009, 2010, 2011: Nas Jornadas pedagógicas realizadas todo início de ano letivo (janeiro), as pautas passaram a refletir as temáticas desenvolvidas nos cursos de capacitação e/ou pós graduação em Educação do campo, currículo, cultura e letramento ofertada pelo Campus da UFPA de Marabá e realizada por sete educadores do campo de Parauapebas. Inclusive as pautas foram desenvolvidas por estes professores/educandos.

OBS: As decisões técnicas e pedagógicas são resultantes de discussões coletivas com todas da equipe do setor. No entanto as decisões políticas (partidárias) ainda afetam nossa lotação.

PERGUNTAS- PROFISSIONAIS DO SETOR - 02

FORMAÇÃO? Licenciatura em pedagogia

1. Quais ações são pautadas no setor de educação do campo que justifique se há ou não uma proposta de educação do campo para o município de Parauapebas?

Formação dos professores, na qual são realizadas com informações de conhecimento popular que resgate a cultura local.

Projetos pedagógicos realizados durante o ano letivo com proposta de resgate cultural local. São estas propostas de atividades voltadas para reforçar esta relação do povo com sua cultura.

2. No trabalho que você desenvolve como formador de professores consegue perceber alguma relação da educação formal com princípios da educação do campo?

No programa curricular educacional, percebemos a inter-relação dos conteúdos formal com os conhecimentos adquiridos da cultura popular na qual acrescenta ainda mais na formação da valorização do local.

Mas isso só acontece aqui, da SEMED não vem nada diferenciado, a gente é faz as adaptações.

3. No acompanhamento do processo pedagógico das escola, como você percebe a atuação do educador em relação aos princípios da educação do campo, existe?

Hoje temos educadores inseridos na proposta da educação do campo no qual garante o respeito com os princípios da rede e faz as adaptações necessárias.

4. Na formação continuada, realizada pelo setor há proposição que aponte para a reconstrução do currículo das escolas do campo? Se há poderia citar algumas?

A sugestão é garantida pelo Projeto Político Pedagógico da escola (PPP). Esta uma das propostas que mais... Garante os princípios da educação do campo para estas escolas.

PERGUNTAS- PROFISSIONAIS DO SETOR - 03

FORMAÇÃO? Licenciatura em pedagogia

- 1- Quais ações são pautadas no setor de educação do campo que justifique se há ou não uma proposta de educação do campo para o município de Parauapebas?

Não existe uma proposta já concretizada, pois é processo longo, existe uma discussão sobre a mesma. Atualmente se faz uma adaptação nas propostas.

Na secretaria de educação as coisas não se diferenciam é pensando uma única proposta para o campo e para a cidade, então podemos dizer que não existe ainda esta proposta, existe uma preocupação aqui na coordenação do setor para adequar os conteúdos e propor atividades que nos ajude garantir esta aproximação com a educação do campo, mas não tem esta proposta por parte da SEMED.

- 2- No trabalho que você desenvolve, como formador de professores, consegue perceber alguma relação da educação formal com princípios da educação do campo?

Sim. A educação independente de ser nas escolas do campo ou da cidade tem um papel importantíssimo que é de dá condição as pessoas de viver em qualquer grupo social, e a gente percebe isto em alguns professores que fazem parte de movimentos sociais, ou que já está no setor a bastante tempo e já participaram de muitas formações e estudos sobre a educação do campo, principalmente os que estiveram envolvidos nas conferencias de educação do campo.

- 3- No acompanhamento do processo pedagógico das escolas, como você percebe a atuação do educador em relação aos princípios da educação do campo, existe?

Em relação ao princípios da educação do campo, o que é observado é que como ainda estar sendo estudado no setor, essas praticas para ser colocada, é necessário que seja entendida ou seja, das pessoas que estudaram sobre educação do campo, apenas uma faz parte da equipe do setor de educação do campo, sendo que a grande maioria desconhece essa discussão. No entanto as escolas das palmares Iell já estão bem organizadas e possuem todo seus trabalhos de acordo esses princípios.

Como eu já disse isto parte mais de alguns professores que participaram ou participam destes estudos e movimentos de educação do campo.

- 4- Na formação continuada, realizada pelo setor há proposição que aponte para a reconstrução do currículo das escolas do campo? Se há poderia citar algumas?

Como já citei, trabalhamos sempre tentando alcançar algo, e o nosso objetivo é ter o currículo da educação do campo organizado, atendendo as necessidades da nossa gente,

mas até agora o temos são adaptações, e existe uma barreira muito grande para discutir isto dentro da secretaria de educação.

PERGUNTAS- PROFISSIONAIS DO SETOR - 04

FORMAÇÃO? Licenciatura plena em pedagogia

TEMPO DE ATUAÇÃO NAS ESCOLAS DO CAMPO? 10

- 1- Quais ações são pautadas no setor de educação do campo que justifique se há ou não uma proposta de educação do campo para o município de Parauapebas?

Há uma proposta.

O que é trabalhado nas escolas. Quando fazemos o acompanhamento a gente percebe que esta proposta é trabalhada, se coloca em pratica o que é proposto, de acordo com o que é planejado pelos coordenadores do setor rural.

O professor já tem esta preocupação, mas as condições ainda são ... Ainda faltam por que esta proposta é vista aqui no setor mas a SEMED não diferencia nada para o campo apenas tem uma equipe que tem que acompanhar e orientar as escolas.... a educação nas escolas na zona rural, esta proposta existe apenas entre parte da equipe do setor rural e não dentro da SEMED, não tem uma proposta da secretaria de educação para o município.

- 2- No trabalho que você desenvolve como formador de professores consegue perceber alguma relação da educação formal com princípios da educação do campo?

Hoje há um pouco, quando a gente encaminha uma proposta os nossos educadores já questionam quando a proposta não está adequada às realidades dos alunos do campo, na vila palmares não existe mais esta preocupação de adequar os conteúdos de acordo com as vivencias dos educandos. Eles já se consideram urbanos, isto na palmares I, então já se tem trabalhado um pouco estas diretrizes principalmente com a coordenadora Heloísa que é mais engajada nos movimentos da educação do campo, e incentiva todos nós, quem tem vontade de adequar a realidade faz, mas como eu já disse é de cada um, a SEMED não cuida desta parte de adaptar os conteúdos à realidade e nós coordenadores vamos depender da experiência e da vontade do professor para fazer algo diferente, se não vai ser trabalhado os mesmos conteúdos da mesma forma da zona urbana.

- 3- No acompanhamento do processo pedagógico das escolas, como você percebe a atuação do educador em relação aos princípios da educação do campo, existe?

Existe sim, alguns professores se preocupam e até questionam os conteúdos porém ainda precisa de mais formação na área da educação do campo, os professores compreendem estes princípios mais não conseguem colocar em pratica totalmente, só alguns gestores escolares tentam direcionar os trabalhos, e os conteúdos pra aproximar um pouco das

diretrizes da educação do campo, e ainda a SEMED manda os conteúdos igual aos da cidade e nós do setor rural é temos que fazer as adaptações e principalmente o professor.

- 4- Na formação continuada, realizada pelo setor há proposição que aponte para a reconstrução do currículo das escolas do campo? Se há poderia citar algumas?

Se fala nesta reformulação do currículo, sentar para rever e fazer a readequação das fichas que ainda é utilizada as mesmas da zona urbana, readequar os pareceres e as formas de avaliação, devido as criticas apresentadas durante os coelhos de classe, há também uma necessidade de adequação do calendário isto é questionamento até pelos pais, eles dizem que as férias é no período que as condições favorecem o deslocamento dos alunos para a escola, uma vez que eles dependem do transporte escolar e as estradas são muito ruins, então porque não deixar as férias para o período de chuva que tem a dificuldade de deslocamento e que muitas famílias estão ocupadas com as atividades agrícolas principalmente os plantios.

A gente tem a idéia de agora em 2014 fazer esta readequação do currículo.

PERGUNTAS- PROFESSORES – “A”

FORMAÇÃO?

TEMPO DE ATUAÇÃO NAS ESCOLAS DO CAMPO? RESIDENCIA? 2 anos

1. Você identifica se há uma proposta de educação do campo para o município de Parauapebas? Se sim, quais ações são pautadas no setor de educação do campo que justifique que ele tem uma proposta?

Existe uma proposta do setor, mas o que eu percebo é que os conteúdos são sempre os mesmos da cidade, e as ações do setor não mudam muita coisa não, o que a gente faz acaba sendo o mesmo da cidade.

2. No trabalho que você desenvolve, em sua sala de aula e na escola, consegue perceber alguma relação da educação formal com princípios da educação do campo?

Aqui não, aqui não e até mesmo porque a gente não tem esta formação voltada para a educação do campo.

3. Você participa das formações continuadas oferecidas pelo Setor? Se sim, nestas, há proposição que aponte para a reconstrução do currículo das escolas do campo? Se há poderia citar algumas?

Tem a proposta mas na pratica ela não aparece, o que ainda tem nas escolas é o PPP mas não tem mudado nada, o currículo acaba sendo o mesmo da cidade.

4. Você considera importante a educação do campo? Por que?

Seria importante sim

PERGUNTAS- PROFESSORES – “B”

FORMAÇÃO?

TEMPO DE ATUAÇÃO NAS ESCOLAS DO CAMPO? RESIDENCIA? 2 anos

- 1- Você identifica se há uma proposta de educação do campo para o município de Parauapebas? Se sim, quais ações são pautadas no setor de educação do campo que justifique que ele tem uma proposta?

Sim.

No caso é o nosso currículo ele tem uma certa diferença em relação ao da cidade, também a questão do nosso próprio calendário, na nossa comunidade também ele é um pouco diferente do da cidade, as vezes a gente conta com muita falta de energia isso prejudica, e estas condições acaba estendendo um pouco mais o nosso calendário.

Em relação ao conteúdo na verdade eu nunca observei o da cidade para ver esta diferença.

- 2- No trabalho que você desenvolve, em sua sala de aula e na escola, consegue perceber alguma relação da educação formal com princípios da educação do campo?

Olha eu te digo que aqui na região que nós vivemos, aqui na vila sanção que ela é muito próxima desses projetos da vale, ela não é uma questão rural, ela é rural porque está distante de Parauapebas, mas ela é uma escola totalmente nos moldes urbanos, até a mentalidade das crianças não é aquela mentalidade comum de uma criança do campo, é muito diferente, estes projetos da vale eles aglomeram muita gente nesses alojamentos então é um fluxo de pessoas muito grande as crianças ficam com uma influencia muito forte com esses trabalhadores é uma relação muito forte da comunidade com estes alojamentos, o transporte também o acesso é muito fácil daqui para Parauapebas então eu não vejo a diferença

- 3- Você participa das formações continuadas oferecidas pelo Setor? Se sim, nestas, há proposição que aponte para a reconstrução do currículo das escolas do campo? Se há poderia citar algumas?

Sim.

Não vejo propostas que venha trazer esta mudança não.

- 4- Você considera importante a educação do campo? Por que?

Sim, mas se fosse para fazer a diferença mesmo.

PERGUNTAS- PROFESSORES – “C”

FORMAÇÃO? Licenciatura em historia

TEMPO DE ATUAÇÃO NAS ESCOLAS DO CAMPO? RESIDENCIA? 3 anos

- 1- Você identifica se há uma proposta de educação do campo para o município de Parauapebas? Se sim, quais ações são pautadas no setor de educação do campo que justifique que ele tem uma proposta?

Na verdade existe só a proposta, a proposta de educação do campo mas só que ações não existe, o que eles trazem pra nós vem baseado na educação urbana, por que quando a gente vai fazer o mesmo que eles fazem na cidade eles falam que é diferente, que tem que ter as considerações do povo do campo, então eu acho que fica só na proposta, na pratica mesmo do fazer não aparece ações.

- 2- No trabalho que você desenvolve, em sua sala de aula e na escola, consegue perceber alguma relação da educação formal com princípios da educação do campo?

Os conteúdos eu acho que são os mesmos da educação urbana, dessa forma a gente acaba aplicando os conteúdos da forma que vem de lá, porque se a gente começar a trabalhar alguma coisa diferente a gente é cobrado pela coordenação pedagógica,

- 3- Você participa das formações continuadas oferecidas pelo Setor? Se sim, nestas, há proposição que aponte para a reconstrução do currículo das escolas do campo? Se há poderia citar algumas?

Não até por que nas formações não é discutida basicamente o que a gente trabalha em sala de aula, não é discutido como agente trabalha, é discutido os conteúdos e não as metodologias.

- 4- Você considera importante a educação do campo? Por que?

Se fosse na for que o povo do campo precisa e merece eu concordo, mas só para aparecer no discurso nas dias de eventos da educação do campo como acontece aí eu discordo.

PERGUNTAS- PROFESSORES - “D”

FORMAÇÃO?

TEMPO DE ATUAÇÃO NAS ESCOLAS DO CAMPO? RESIDENCIA?1 ano

- 1- Você identifica se há uma proposta de educação do campo para o município de Parauapebas? Se sim, quais ações são pautadas no setor de educação do campo que justifique que ele tem uma proposta?

Eu acredito que sim, mas eu cheguei agora pra cá e não entendo quase nada de educação do campo, ainda não consigo ver diferença.

- 2- No trabalho que você desenvolve, em sua sala de aula e na escola, consegue perceber alguma relação da educação formal com princípios da educação do campo?

Eu não sei te dizer, eu não conheço estes princípios da educação do campo, eu não tive formação nesta área.

- 3- Você participa das formações continuadas oferecidas pelo Setor? Se sim, nestas, há proposição que aponte para a reconstrução do currículo das escolas do campo? Se há poderia citar algumas?

Participo, eu não posso falar com propriedade porque eu conheço muito pouco, das propostas do setor de educação do campo.

- 4- Você considera importante a educação do campo? Por que?

Eu acho importante.

PERGUNTAS- PROFESSORES – “E”

FORMAÇÃO?

TEMPO DE ATUAÇÃO NAS ESCOLAS DO CAMPO? RESIDENCIA? 3 anos

1- Você identifica se há uma proposta de educação do campo para o município de Parauapebas? Se sim, quais ações são pautadas no setor de educação do campo que justifique que ele tem uma proposta?

Eu acredito que em partes, há algumas adaptações que eu acho que seja necessário ser feita em relação aos conteúdos e também a metodologias porque tem conteúdos que dá para interagir e fazer com que o trabalho em sala de aula seja de acordo com a realidade do aluno mas na maioria das vezes esta realidade não é colocada em pauta para facilitar a aprendizagem do aluno.

2- No trabalho que você desenvolve, em sua sala de aula e na escola, consegue perceber alguma relação da educação formal com princípios da educação do campo?

Sim, mas isso só quando é atividade mais livres, que facilita as adaptações das atividades propostas pelo setor.

3- Você participa das formações continuadas oferecidas pelo Setor? Se sim, nestas, há proposição que aponte para a reconstrução do currículo das escolas do campo? Se há poderia citar algumas?

Participo.

É percebo que há uma grande preocupação em fazer as adaptações que venha a atender as necessidades dos alunos do campo, mas esta adaptação ainda não me suficiente, e é importante que aja esta mudança nos conteúdos e no currículo,

4- Você considera importante a educação do campo? Por que?

É muito importante, e em 2014 estas metas já estão traçadas para a EJA. E AM 2014 elas vão ser colocadas em pratica, e isso vai facilitar muito o nosso trabalho. E ao alunos moram distante e isto gera uma serie de situações que exige realmente uma mudança no currículo da educação do campo em Parauapebas.

PERGUNTAS- PROFESSORES - “F”

FORMAÇÃO? Licenciatura em Pedagogia

TEMPO DE ATUAÇÃO NAS ESCOLAS DO CAMPO? RESIDENCIA? 4 anos

1- Você identifica se há uma proposta de educação do campo para o município de Parauapebas? Se sim, quais ações são pautadas no setor de educação do campo que justifique que ele tem uma proposta?

Existe só lá no setor porque aqui a realidade é outra, nós temos que aplicar os conteúdos e apresentar os resultados do jeito que SEMED exige.

2- No trabalho que você desenvolve, em sua sala de aula e na escola, consegue perceber alguma relação da educação formal com princípios da educação do campo?

Não porque o que é cobrado da gente não tem nada a ver com a educação do campo, não tem diferença da zona urbana.

3- Você participa das formações continuadas oferecidas pelo Setor? Se sim, nestas, há proposição que aponte para a reconstrução do currículo das escolas do campo? Se há poderia citar algumas?

Sim.

Não em nenhum momento.

4- Você considera importante a educação do campo? Por que?

Isso seria o essencial,